

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E COMUNICAÇÃO**  
**HUMANA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA E CULTURA**

**A CAPTURA NO FANTASMA DO OUTRO: LACAN LEITOR DE MUSIL**

**LAURA SUZANA DE SOUZA BENITES**

Porto Alegre  
2023

**LAURA SUZANA DE SOUZA BENITES**

**A CAPTURA NO FANTASMA DO OUTRO: LACAN LEITOR DE MUSIL**

Dissertação submetida à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicanálise, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Linha de pesquisa: Psicanálise, Teoria e Dispositivos Clínicos.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Marta Regina de Leão D'Agord

Porto Alegre

2023

**LAURA SUZANA DE SOUZA BENITES**

**A CAPTURA NO FANTASMA DO OUTRO: LACAN LEITOR DE MUSIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Dissertação apresentada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Daniela Scheinkman Chatelard  
Universidade de Brasília

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Djambolakdjian Torossian  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Mardem Leandro da Silva  
Universidade do Estado de Minas Gerais

Porto Alegre  
Maio de 2023

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de modo particular ao Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, linha de pesquisa Psicanálise, Teoria e Dispositivos Clínicos por tornar possível essa pesquisa.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Marta Regina de Leão D'Agord pela generosidade com que acolheu e investiu no projeto de pesquisa, pelas leituras, aulas e sugestões preciosas na condução da dissertação.

À banca de defesa da dissertação que me acompanha desde a qualificação, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Daniela Scheinkman Chatelard (UnB), Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Djambolakdjian Torossian (UFRGS) e Prof. Dr. Mardem Leandro Silva (UEMG e IFMG), por suas leituras atentas, mostrar caminhos e envio de literatura.

Agradeço à minha família, parceira de todas as horas, meu companheiro Ivan Petinga de Cerqueira Filho, e meus filhos Leandro Benites Gramkow e Bernardo Benites de Cerqueira, meus primeiros leitores, incentivadores e suportes.

Ao Grupo de Pesquisa liderado pela Prof. Dra. Marta Regina de Leão D'Agord, aos Grupos de leituras em voz alta, Comitê de Leituras em Lacan, em especial à Fernanda Dornelles Hoff, Wagner Coriolano de Abreu, Carolina Viola, José Luiz Caon, Denise Süss, pela parceria no estudo, pela conversa e leitura do texto e à Tetê Martins pelo suporte textual.

*“Repetir não é reencontrar a mesma coisa”*

*Jacques Lacan*

## RESUMO

Esta dissertação investiga o conceito de fantasma na teoria psicanalítica do inconsciente enfocando a fórmula algébrica introduzida em 1957 por Lacan. Essa formulação demarca a primazia do significante, o qual é considerado não apenas como fonema, mas também como letra, delineando a escuta-leitura e leitura-escuta que caracterizam metodologicamente a experiência psicanalítica. Em nossa investigação, dedicamo-nos a uma leitura atenta do Seminário, livro 14, A lógica do Fantasma (1966-67). Fez-se necessário, então, acompanhar o percurso do autor pela matemática, geometria, topologia e lógica para uma leitura crítica concernente à lógica do fantasma. Durante essa investigação, nos instigou um questionamento-provocação: *como é possível que alguém seja capturado no fantasma do outro?* apresentada pelo psicanalista francês em referência ao romance de Robert Musil, O Jovem Törless, que também obteve aqui uma leitura atenta. Consideramos a questão da captura no fantasma do Outro e a alienação como respostas no particular. O Outro apreendido como discurso vigente. Numa posição psicanalítica advertida e pressuposta, abriu-se a pergunta: Como é possível que alguém não seja capturado no fantasma do Outro? Também foi necessário demarcar diferenças entre a lógica do fantasma e a fantasia concebida por Freud, pensada no campo da neurose e da perversão. Concluímos, salientando que enquanto Freud pensa a fantasia como construção e transformação gramatical das posições de um *alter ego* do observador, um *alter ego* (outro) passível de ser objetificado, Lacan, por outro lado, pensa o fantasma como uma estrutura com as suas próprias leis internas de transformação. Essas leis internas já estavam na escrita algébrica que visava descolar o falado do escrito de modo a permitir um sem-número de leituras diferentes.

**Palavras-chave:** Juventude. Matema do Fantasma. Fantasia. Objetificação. Negatividade.

## ABSTRACT

This dissertation investigates the concept of phantasy in the psychoanalytic theory of the unconscious focusing on the algebraic formula introduced in 1957 by Lacan. This formulation demarcates the primacy of the signifier, which is considered not only as phoneme, but also as letter, outlining the listening-reading and reading-listening that characterize methodologically the psychoanalytic experience. In our investigation, we devoted ourselves to a careful reading of the Seminar, book 14, *The logic of the phantasy* (1966-67). It was necessary, then, to follow the author's path through mathematics, geometry, topology and logic for a critical reading concerning the logic of the phantasy. During this investigation, a questioning-provocation instigated us: "how is it possible for someone to be captured in the phantasy of the other?", presented by the French psychoanalyst in reference to Robert Musil's novel, '*The confusions of young Törless*', which was also carefully read here. We consider the issue of capture in the Other's phantasy and alienation as answers in the particular. The Other seized as current speech. In a warned and presupposed psychoanalytical position, the question arose: How is it possible that someone is not captured in the phantasy of the Other? It was also necessary to demarcate differences between the logic of the phantasy and the phantasy conceived by Freud, thought in the field of neurosis and perversion. We conclude by emphasizing that while Freud thinks of phantasy as the construction and grammatical transformation of the positions of an alter ego of the observer, an alter ego (other) capable of being objectified, Lacan, on the other hand, thinks it as a structure with its own internal laws of transformation. These internal laws were already present in algebraic writing, which aimed to detach what was spoken from what was written to provide countless of different readings.

**Keywords:** Youth. Phantasy Math. Phantasy. Objectification. Negativity.

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	<b>9</b>
<b>Metodologia</b> .....	<b>11</b>
<b>1 Lógicas Clássica, Paraconsistente e a Matemática</b> .....	<b>17</b>
<b>1.1 Lógica clássica aristotélica</b> .....	<b>18</b>
<i>1.1.1 Consistência</i> .....	<i>21</i>
<i>1.1.2 As três regras</i> .....	<i>21</i>
<i>1.1.2.1 Princípio de identidade</i> .....	<i>21</i>
<i>1.1.2.2 Princípio de não contradição</i> .....	<i>22</i>
<i>1.1.2.3 Princípio do terceiro excluído, ou terceiro excluso: referente ao “ou” (<math>\vee</math>)</i> .....	<i>23</i>
<b>1.2 Lógica das proposições</b> .....	<b>23</b>
<b>1.3 Lógicas não clássicas ou alternativas</b> .....	<b>24</b>
<b>1.4 Paradigma</b> .....	<b>26</b>
<b>1.5 Matemática</b> .....	<b>28</b>
<b>1.6 Incomensurável</b> .....	<b>28</b>
<b>1.7 A conjectura lógica de Lacan</b> .....	<b>28</b>
<b>2 Notas Sobre O Jovem Törless de Robert Musil</b> .....	<b>31</b>
<b>4 Considerações Finais</b> .....	<b>34</b>
<b>Referências</b> .....	<b>36</b>

## Introdução

A função simbólica de enquadrar, emoldurar a realidade, foi sendo apresentada por Lacan desde o Seminário 5, pois, ali, naquele ensino, já estava o fantasma. Porém, a lógica do fantasma, construída a partir dos instrumentos vindos de outros campos, como a matemática e a lógica, será apresentada, somente, no Seminário Livro 14. O matema do fantasma é tema central nesta dissertação, que entende o fantasma também funcionando como uma tela para outra cena, inconsciente, onde a cada vez pode concernir um assunto ( $S$ ) alienado em alguma proporção em relação a algo que comparece como objeto  $a$ . Concernir aqui colocado no sentido de cercar, reunir. Tem a ver com o recalcado como significante e aquilo que não pode ser recalcado da ordem da sexualidade.

Compreender o matema do fantasma, delimitando os elementos com os quais Lacan compôs a lógica do fantasma, para poder apresentá-lo como uma janela, uma moldura, um recorte contra o nada infinito, engendrou movimentos de leituras, de buscas outras, às vezes, de forma sistemática. Uma referência dentro de uma publicação me levava à outra publicação, a rever, reler, a confrontar o já lido em diálogos, a questionar. Uma moldura lógica, matemática, instrumento de linguagem, ao modo do obturador da máquina fotográfica, a permitir relação com o incomensurável.

Informo, de uma maneira ensaística, tom que prevalecerá durante a escrita, que o Livro Seminário 14, ocupou um lugar central, mas não obrigatoriamente. Pois durante a leitura, às vezes, em busca de chaves para a própria leitura, deixava em suspenso o Seminário 14. Ou seja, movimentos de leituras de outros seminários onde o psicanalista francês introduz o fantasma e a lógica em seu ensino, foram frequentes. Elementos na ciência e na filosofia da lógica, que apresentarei, na forma de um registro bem resumido, contendo algumas linhas básicas da lógica, e da filosofia da lógica, pois atravessam o Seminário Livro 14.

A fim de uma organização, esta dissertação contém, além desta introdução, o Capítulo Um, onde apresento alguns instrumentos com os quais Lacan operou para trabalhar a negatividade em seus conceitos. Entre esses instrumentos, a noção de incomensurável em matemática, assim como a topologia para trabalhar a cadeia significante. No capítulo Dois, percorro o romance de Robert Musil, *O Jovem Törless*, a partir do qual Lacan nos faz interrogar: *como é possível que alguém seja capturado no fantasma do outro?* Essa questão, que requer diferenciar a fantasia em Freud e o matema do fantasma em Lacan, será analisada no capítulo Quatro. No capítulo Três, retomo elementos da negatividade, abordando com mais atenção: o furo, o vazio e o nada que compõem o matema do fantasma, situando-me, faço, então, melhor

apropriação do matema, para interrogar, desde o nosso campo, a novela “O Jovem Törless” quanto ao fantasma de educar o outro, mesmo às custas da violação do outro.

Na Psicanálise, há abordagens em linhas de pesquisas heterogêneas, de modo que podemos dizer que a psicanálise não é uma só, são várias. Nisso temos uma riqueza. Essas linhas de trabalho ora se afastam, ora se aproximam no diálogo que a academia propicia. Com isto, é preciso dar atenção às palavras usadas quando adquirem novos usos ou conceitos. Lacan trouxe termos e conceitos de outras áreas e algumas vezes lhes emprestou novas nuances. Informo que, por vezes, há uma parada, uma pausa, um respiro, no texto, para que eu esclareça de onde falo. Por exemplo, parto da ideia do inconsciente ético em oposição ao ôntico, condição para a escuta-leitura psicanalítica. Quando falo em inconsciente ético, tenho presente que o termo ético usado por Lacan não se refere a uma moral ou normas de prescrição de comportamentos. Sua referência é o livro ‘Ética a Nicômaco<sup>1</sup>’, onde lê que o campo do desejo está situado fora do campo da moralidade. Ele o situa no Seminário 7 (Lacan, 1959-60/2008a), referindo-se ao jogo que Aristóteles faz entre as palavras gregas *ἔθος* [*éthos*]- *ἦθος* [*êthos*]. O termo *ἦθος* [*êthos*] com *êta*, ética, já aparece em Homero, como usos e costumes, maneiras de viver (Spinelli, 2009). É o habitar como morada, a caverna, a toca do homem e do animal e o modo de habitar. Na *Metafísica* de Aristóteles, é usado como sabedoria, adquirida pela razão, que conduz as mãos. O termo *ἔθος* [*éthos*] com épsilon, refere-se a hábito, tradição, a construção de hábitos na polis que se impõe como sabedoria adquirida pelas mãos, a partir do artesanal. Da relação entre ambos, na *Ética a Nicômaco*, surge a formação do caráter, *caractér*, traços que marcam cada qual. Na psicanálise, o que é inconsciente, não se refere a um ser em si, mas a algo que aparece na fala, como traço, que ao se mostrar desaparece, sem jamais constituir um ser, mas cria sujeito, enquanto assunto, como linguagem. O inconsciente ético está referido ao discurso no qual habita e à operação lógica que constitui esse discurso. Temos a fala - situada no *éthos*- e o que determina e conduz a fala, que é o fantasma, situado no *êthos*.

---

<sup>1</sup> A *Ética a Nicômaco* ou *Ética a Nicômaco* é a principal obra de Aristóteles sobre *Ética*.

## Metodologia

Neste capítulo, abordo um tema necessário para a pesquisa e que está ainda em formulação no campo da pesquisa psicanalítica, a metodologia. Revisitei trabalhos psicanalíticos, que serão citados a seguir, em busca de clareza sobre o método. O método na pesquisa psicanalítica não pode estar dissociado do campo em que atua, uma divisão inicial se impõe ao método psicanalítico, entre situação psicanalítica de cura e situação psicanalítica de pesquisa (Caon, 1994). Esta dissertação de mestrado se situa na passagem de uma para a outra, com uma imersão na situação psicanalítica de pesquisa, um escrito que presta contas de uma leitura/escuta clínica do texto.

Pode-se dizer que saber psicanalítico se constrói no avanço seguido de um movimento de retorno para enlaçar o que foi feito antes, para outra vez fazer seu relance (Freud, [1915]/2010). Embasaremos nosso campo em autores que vêm se dedicando a dialogar sobre o método de pesquisa em psicanálise (Dunker, 2017; Dunker et al., 2008) e sobre a pesquisa psicanalítica: Freud (1914/2012; [1915]/2010), Caon (1994, 1996, 1997), Lo Bianco (2003). Tanto Caon (1994, 1996, 1997) quanto Dunker (2017) e Dunker et al. (2008) sublinham que o elemento comum entre o método psicanalítico de tratamento e o método psicanalítico de pesquisa é o critério fundamental da transferência, e situam uma diferença no papel e destino da transferência em cada uma das situações. Caon (1994), ao retornar de Paris, após seus estudos com Pierre Fédida, sobre a psicopatologia na pesquisa psicanalítica, propõe que o destino da transferência é diferente em cada situação, enquanto a transferência deve ser dissolvida no processo de cura, na situação de pesquisa, deve ser simbolizada através do estabelecimento de contratos entre pesquisador e orientando para que a transferência seja instrumentalizada, transformada em trabalho e produção do texto escrito e discurso estudo/ensino, destinado à produção de um autor.

Caon (1997) retornou à noção freudiana de "*Nachträglichkeit*" (*effet d'après coup*, *après-coup*, só depois, no relance) e a aproximou da noção de "serendipidade". "*Nachträglichkeit*" (Freud, 1886–99/1992) traz consigo dois movimentos (Dahl, 2011) no tempo, um progrediente, do passado para o presente, e outro regrediente, do presente para o passado. Tanto a inscrição de um trauma, como sua dissolução pela simbolização, se faz no segundo tempo, no relance. A serendipidade (Caon, 1997) tomada, primeiramente, como uma feliz descoberta realizada sem planejamento, também porta dois movimentos, um causal, chamado de acidente, e outro de resposta não intencionada. Isto é, um encontro feliz, "*trouvaille*", entre o acaso e uma disposição de abertura de uma mente preparada, sagaz. Um

encontro que permite identificar algo novo no relance de um acontecimento, realizado pelo pensamento solitário ou na discussão em grupo.

A sagacidade está ligada à capacidade de ler os traços deixados por um acontecimento e remontar uma cena ausente, de modo a permitir uma leitura válida da cena, descobrir e identificar os elementos que a compõe e a sequência de sua montagem. A leitura da cena está sob a ação da determinação inconsciente e dos mecanismos de transferência. O autor sugere o uso da noção de serendipidade (Caon, 1997) como parte do método psicanalítico, associada ao trabalho da transferência e a determinação inconsciente. Isso possibilita lermos que Freud, com a mente aberta, encontra o novo, por estar preparado.

O ensaio como forma de escrita de um estudo tem por virtude oferecer liberdade ao pesquisador de mostrar um momento de seu percurso. Um ponto no caminho, de onde perscrutamos um entorno do qual percebemos fragmentos e tentamos ligá-los uns aos outros a fim de construir sentidos, que sabemos transitórios, mas que podem se mostrar pontes preciosas. Freud (1856-1939/2016c) utilizou o ensaio (Caon, 1994) para comunicar suas conjecturas em torno dos achados clínicos, por considerá-lo uma metodologia que abre possibilidades para a problematização e discussão à pesquisa psicanalítica.

Freud “se alinha entre os pesquisadores que se pautam pelo princípio: ‘a oposição cria a determinação’” (Caon, 1994, p. 153) construindo seus conceitos em duplas opositivas, por exemplo: deslocamento e condensação. Também nós escolhemos uma dupla: fantasia e fantasma, e as abordaremos em oposição, para desenhar diferenças.

Pesquisa em tempo de pandemia, conta com deslocamentos entre escassez e abundância, como em qualquer outro momento. No caso, com muitos recursos tecnológicos digitais à disposição, porém sem as trocas entre colegas que só o convívio presencial de um campus universitário pode propiciar. No entanto, os efeitos da convivência virtual no modo síncrono se fizeram acontecer nos endereçamentos de trabalho em situação de pesquisa psicanalítica que foi eficaz em criar um “nós”. Assim, espero que tenhamos nos aproximado a um vislumbre da possibilidade da experiência de “*Erfahrung*”, a qual indica uma experiência que se transformou num aprendizado e em algum saber. Freud e Lacan falavam frequentemente de “nossa experiência psicanalítica”, entendida neste sentido (Caon, 1994). A transformação gerada tem a potência de ser vertida no escrito, de onde a leitura/escuta dos pares preparados pode dar seu testemunho. Caon (1994) identifica a *Erfahrung* como este momento, em que o lugar da fala, da escrita e da leitura-escuta benfazeja criam as condições de possibilidade do ato psicanalítico científico.

Lo Bianco (2003) apresenta um estudo histórico sobre o método onde situa duas linhas de trabalho. Uma que tomou como referência o cálculo de eficiência para atender às leis do mercado e outra que debate a cientificidade da psicanálise. Em solo francês, repercutiu a crítica do americano Ellenberger à cientificidade da psicanálise, o que rendeu textos em reação. Ellenberger foi, na leitura de Lo Bianco (2003), um crítico que marcou a psicanálise por dizer que dificilmente poderia ser incorporada à ciência. Seu livro fez relativo sucesso, expandindo a ideia entre os pesquisadores. A mudança de contexto cultural imprimiu novos horizontes à questão, saindo de um viés utilitarista e gerando um movimento no sentido de estabelecer a cientificidade da psicanálise.

O Brasil é herdeiro das discussões francesas e devido à instauração da pesquisa em psicanálise nas universidades, a partir dos anos 1990, começam a aparecer os textos sobre o método. Esses não aderem de todo à querela da cientificidade e se afastam da referência ao empirismo e pragmatismo norte-americano. Lo Bianco (2003) identifica, no movimento brasileiro, uma preferência por apostar no trabalho de depuração e busca de rigor da conceituação.

Entre tantos psicanalistas pesquisadores do método para a escrita acadêmica no campo da psicanálise no Brasil, Lo Bianco escolhe uma comunidade científica que inclui Birman, Garcia-Roza, Palombini, Bevidas e Elia para fazer uma linha do tempo do debate sobre a cientificidade da psicanálise e seus instrumentos. Traz de Joel Birman (1993 como citado em Lo Bianco, 2003), a ideia de que Freud ultrapassou os limites da ciência vigentes até então, criando uma “modalidade de cientificidade” para a psicanálise. De Garcia-Roza (1993 como citado em Lo Bianco, 2003) busca a diferença entre pesquisa clínica e pesquisa acadêmica em psicanálise, onde essa última tem o dever de fazer a releitura da teoria e abertura para novos sentidos à teoria. Se apoia igualmente em Palombini (1999 como citado em Lo Bianco, 2003) para dizer que a psicanálise tem um “estatuto de conhecimento próprio”. Lo Bianco busca a ideia de excesso de transferência e marcada “submissão às autoridades de Freud e Lacan” denunciada por Bevidas (1999) e a contestação feita por Elia (1999) gerou um novo texto de Bevidas, reafirmando que, sim, a psicanálise pertence ao campo científico e que os excessos transferenciais devem ser um elemento a ser tratado no escopo da pesquisa.

O problema que se levanta é sobre o objeto que, na ciência positiva, já estaria delimitado por ocasião da investigação, e, na psicanálise, o inconsciente delimita-se no tempo presente e em presença entre analisante e analista. Lo Bianco (2003) propõe que o método de pesquisa se especifica no momento em que se delinea o objeto, num duplo movimento. “Trata-se de um objeto que só pode ser apreendido no campo da práxis analítica, tornando necessário um novo

entendimento sobre a pesquisa nesse campo” (Lo Bianco, 2003, p. 120). A autora observa que se o ponto de partida é a clínica, então o psicanalista também é objeto da pesquisa, pois, participa com o analisante, no que se produz na cena psicanalítica em situação de tratamento. Para tanto, precisa de preparo teórico para ter condições de um encontro produtivo com o que se passa. Nesse ponto, a pesquisa teórica, embora heterogênea, está em continuidade com a cena analítica. Isso requer a busca constante da precisão dos conceitos no modo *work in progress*, pois no campo da linguagem não há definitivo, o novo sempre vem. É no processo de ir e vir entre a clínica da cura e a teorização que os conceitos vão sendo refinados. Esse é um retorno a Freud ([1915]/2010) onde diz que o conhecimento não admite rigidez e deve recorrer à especulação sempre que se fizer necessário, ainda que ela compareça de modo precário num primeiro momento.

Dunker et al. (2008), ao se dirigir à comunidade científica no Colóquio que discutia a metodologia de pesquisa em psicanálise, motivado pela pesquisa intitulada “Pesquisa Multicêntrica de Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil – IRDI”, refletiu sobre o método na interface psicanálise e medicina, e para isso recorreu à epistemologia, destacando as subversões realizadas por Freud e por Lacan, ambos médicos por formação. Enquanto a medicina realiza sua clínica pautada pelo olhar, a psicanálise privilegia a escuta. A transferência passa a ser, desde Freud, e reafirmada por Lacan, o ponto de articulação entre o método psicanalítico de tratamento e o método psicanalítico de pesquisa. A teoria assume a condição de antecedente no ato psicanalítico. Para Lacan (2003b), a transferência é o ponto de ligação entre ambas as situações ao modo de uma Banda de Möebius.

Dunker et al. (2008) vê a clínica como “um dispositivo”, uma estrutura, que a psicanálise subverte, composta de quatro elementos: a semiologia, a etiologia, a diagnóstica e a terapêutica. A semiologia, que trata do *Semeion*, o signo, é um campo da linguística desde Saussure e apropriada pelo campo médico como semiologia médica. Lacan opera a subversão ao trazer o significante para a posição de determinante do signo. Na semiologia médica, o que está em jogo, é um olhar sobre o corpo, não uma escuta. A mudança que vai se operar no campo semiológico, na psicanálise, é uma passagem para uma semiologia da escuta.

Este autor sugere passar da descrição para a narrativização. Essa precisa atender a três condições: a primeira é compreendida pela situação composta em três tempos: “Uma situação inicial, uma transformação, uma situação final” (Dunker et al., 2008, p. 70). A narrativização, como estratégia psicanalítica, é composta pela situação e pela negatividade, isto é, uma situação é um recorte no tempo, que exclui algo, encobre, portanto, pensá-la pelas categorias do negativo revela seu procedimento.

Quando Freud retoma a questão do método em *As pulsões e suas vicissitudes* (Freud, [1915]/2010), situa etapas para a estruturação dos conceitos básicos de uma ciência, onde toda a definição comporta seu negativo, em graus variados, conforme o momento de sua construção. Mais indefinido no início, tendendo à exatidão mais adiante, ganhando contornos de definição através de convenções e novamente se flexibilizando para permitir o avanço científico.

Acreditamos que ao tratar da lógica do fantasma, Lacan fazia um esforço para formalizá-la em um matema útil para o progresso da psicanálise no campo das ciências. Nosso esforço, na presente dissertação, vem no sentido de explicitar um contorno que diferencia o matema do fantasma do conceito de fantasia em Freud. No que diz respeito ao conteúdo, a fantasia tem conteúdo, o matema do fantasma é letra.

Para pensar o ponto de convergência entre psicopatologia e ciência, onde a psicanálise porta, de um lado, a ética, e, do outro, a clínica, o “argumento metodológico fundamental aqui é o caso clínico: esse “padrão ouro” da pesquisa em psicanálise” (Dunker, 2017, p. 20). O caso clínico, desde Freud, pode ser próprio ou tomado de outrem ou ainda pode ser constituído por uma obra de arte ou da literatura.

O encontro com o novo não vem do mundo natural, mas do mundo da linguagem, refere Caon (1997), também Freud busca no mundo das hipóteses a abertura de um campo ao objeto psicanalítico. É isso que expande seu campo, tornando possível a leitura gramatical do lapso, do sonho e do sintoma.

Propondo que em psicanálise o objeto se faz presente por seus efeitos no discurso, Lo Bianco (2003) defende que na condição de herdeiros de uma história de desenvolvimentos de conceitos, nós, pesquisadores, precisamos acompanhar esses desenvolvimentos, perguntar ao texto e realizar o trabalho necessário para atualizá-los no diálogo constante com novos campos de saber e o tempo presente em que vivemos a clínica e a pesquisa.

Seguindo essa herança, vamos, aqui, fazer o exercício de aplicar no mundo nossas hipóteses, seguindo o modelo “da percepção, da alteridade, do diálogo e da discursividade” (Caon, 1994, p. 154) e tendo como guia de leitura um achado feliz de Freud, encontrado na carta 84 de 10 de março de 1898, que diz: “Aquilo que é *visto* no período pré-histórico cria o sonho; o que é *ouvido*, as fantasias; o que é *sexualmente vivenciado*, as psiconeuroses” (Freud, [1898]/1980).

O Jovem Törless é uma novela onde encontramos um fio que conduz a narrativa referente a uma lembrança ausente que parece inaugurar estados mentais, os quais conduzem à cena sem que ele possa acessar a lembrança. A lembrança apenas se insinua. Está associada a sons e à impossibilidade de formar uma imagem. Ao final da novela, a lembrança é revelada:

Törless era bem pequeno e passeava com a babá, ela se afastou, então ele ouviu sons provindos de trás da folhagem para onde se dirigiu a babá, deixando-o abandonado ao vazio. Era esse enigma que Törless perseguia na figura de Basini e suas relações com os demais colegas. A cena se atualizaria nas noites em que Törless ouvia os ruídos noturnos dos jovens colegas de internato deixando o dormitório discretamente? que se passava entre eles? Há ainda a lembrança esquecida por Törless, de quando pequeno ter pensamentos de ser uma menina, quando ainda usava, conforme os costumes locais, vestidos de dormir. Tinha certeza de ser uma menina e não entendia ser constantemente educado para ser um menino e advertido quanto a isso. No internato, participou dos planos para educar Basini de traços e gestos femininos, véu que encobria o fato dele ser um homem para os demais colegas, que quiseram fazer dele uma coisa, desumanizá-lo. Os planos eram fantasias visualizáveis e moldáveis. O fantasma eram enquadres no discurso do Outro, tornados próprios por cada um, conforme suas particularidades históricas, afetivas e simbólicas (lugar que cada um ocupava na família e que cada membro da família de cada um ocupava no sistema social).

Lacan tomou a literatura para fazer uma pergunta à teoria (Lacan, 1966-67/2017). A partir dessa indicação, me dirigi à novela “O Jovem Törless” (Musil, 2019), para com ela conversar sobre esse ponto enigmático que é alguém se tornar presa do fantasma de outrem. Esse é nosso método. Perguntar à narrativa, quem é presa de quem, O fantasma pertence a alguém? Está no Outro? Quem tem o privilégio de encarná-lo? Musil teve êxito em captar um assunto que estava no cerne da formação da juventude da qual fez parte e tomado como naturalizado e desejável. O estranhamento de Musil lhe faz capaz de cercar o assunto de modo que nos permite ler com ele e Lacan, o matema do fantasma.

## 1 Lógicas Clássica, Paraconsistente e a Matemática

A leitura do Seminário Livro 14 de Lacan, como já contei, foi acompanhada de leituras de outros seminários onde o psicanalista francês introduz a lógica em seu ensino. Para acompanhá-lo, minimamente, pincei elementos na ciência e na filosofia da lógica. Para me situar no processo, fiz um registro bem resumido de algumas linhas básicas da lógica, e da filosofia da lógica. No que se refere à lógica do fantasma, Lacan fez uso da lógica matemática de Frege, Cantor, Boole, De Morgan e outros e, ao que tudo indica, também propôs alguns desenvolvimentos, para o que hoje é chamada lógica paraconsistente, que à época não estava estabelecida ou nomeada, como bem o reconheceram, tanto Forbes e Costa (1987) quanto Sampaio (2001).

Por definição, lógica (logicial) é o estudo dos aspectos fundamentais da argumentação, a saber, suas condições de validade, consistência e implicação (M. Silva, 2019). Condições estas que nos permitem distinguir os argumentos válidos dos inválidos. O conceito de validade lógica é coextensivo ao de verdade lógica, por isso tem o mesmo grau de universalidade. No entanto, verdade e validade não se implicam necessariamente. A lógica faz a diferença entre a implicação e a validade e com isso se aproxima da verdade. Lembrando que apenas da correlação não se segue a causalidade. A argumentação é feita de sentenças em que uma delas será a conclusão e as demais as premissas. Somente um conjunto de sentenças não é suficiente para constituir um argumento. Faz-se necessário que haja entre elas um vínculo inferencial.

A Lógica é tradicionalmente dividida em Dedutiva, Indutiva e Abdutiva. A lógica dedutiva está ligada ao pensamento analítico, é a lógica que busca a verdade do raciocínio, organiza causa e regra e disso se infere o efeito. Esta insere tanto a Lógica Clássica e as Lógicas Complementares da Clássica (modais, deônticas e epistêmicas etc.) quanto as Lógicas Não Clássicas. No argumento dedutivo (Rodrigues & De Souza, 2012), dadas as premissas, delas devem necessariamente decorrer a conclusão. Sendo as premissas verdadeiras, necessariamente, a conclusão será verdadeira. Numa dedução válida, não haverá contradição entre premissas e conclusão. A regra que controla a relação entre as sentenças e a conclusão é o princípio da não contradição. Se houver contradição, o argumento será inválido. Dito de outro modo, o argumento dedutivo parte das causas para interpretar os efeitos (causa +regra= se infere o efeito).

A Lógica Indutiva está relacionada aos métodos empíricos e ao pensamento intuitivo. Na argumentação indutiva, as premissas provavelmente levarão à conclusão. A probabilidade sendo maior, será forte, se menor, será fraca. Nos argumentos indutivos, as razões dadas nas

premissas podem ser necessárias, mas não suficientes para a conclusão. Assim, a conclusão será apenas provável. As premissas mesmo sendo verdadeiras, são insuficientes para a conclusão e essa poderá ser falsa. Não diremos que os argumentos são válidos ou inválidos, mas sim, fortes ou fracos. Dito de outro modo, organiza causa e os efeitos para definir a lei geral (causa + efeito = infere a regra, a lei geral). M. Silva (2019) considera que Lacan pratica essa lógica e sua pesquisa apresenta fundamentos para essa conclusão em conformidade tanto com Lacan (1971/2009) como J. Miller (2011).

O argumento abduutivo, pode-se dizer, conjuga o argumento dedutivo com o indutivo, mas não há consenso sobre isso. Ele organiza o efeito e a regra para inferir a causa (efeito + regra = se infere a causa). Lacan faz uso da lógica geral, propõe subversões e considera sua lógica como Indutiva. No entanto, os fundamentos da Lógica Abdutiva como apresentados por M. Silva (2019) me permitem levantar a hipótese da lógica para a Psicanálise como uma lógica Abdutiva, aquela que procura a melhor explicação para o problema sobre o qual se debruça, nem toda confiabilidade nem toda verdade, mas um ponto entre as duas. Os dois principais argumentos podem ser a noção de ‘verdade não toda’ de Lacan e o “après-coup”, o que só se pode saber depois. Por motivo de tempo e espaço que disponho no mestrado, essa questão ficou em suspenso neste trabalho.

### **1.1 Lógica clássica aristotélica**

Aristóteles (384 A.E.C.-322 A.E.C.) (2010) é uma unanimidade quando se trata de nomear o fundador da lógica. Em Platão (428 A.E.C.-348 A.E.C.) (1972), a dialética aparece nos diálogos maiêuticos Socráticos, mas foi Aristóteles quem legou uma primeira sistematização de princípios lógicos e formas lógicas de inferência, os silogismos. Séculos mais tarde, houve uma recuperação, tradução e interpretação da obra aristotélica, e a silogística considerada a forma clássica de lógica dos predicados. A partir da física dos fenômenos do mundo macroscópico, Aristóteles extrai a lógica dos predicados, explicita as regras e leis para a relação de predicção e busca um método de averiguação dos modos de dizê-lo pela atribuição dos valores de verdade. Admitia como valores de verdade: o verdadeiro (V), o falso (F) e o possível. Esse último aparece em Da interpretação.

Em Platão (1972), comparecem dois princípios fundamentais, que percorrem todo desenvolvimento da lógica e suas transformações até os dias atuais. Trata-se do problema do Uno e do Múltiplo. O Uno, gerador do Bem, devido a ação de delimitação e determinação sobre o ilimitado da multiplicidade, sendo, a forma gerada, um Bem. Pelo princípio do Uno, aparece a essência, é possível estabelecer ordem e atribuir valor. O Uno é adotado como unidade de

medida exata. O Múltiplo, considerado de menor valor, está presente como substrato, ou dito de maneira formal, é a matéria inteligível. A forma básica do múltiplo é a díade, trata dos problemas do infinitamente grande e infinitamente pequeno, do indeterminado e do ilimitado (Reale & Antiseri, 1990). A busca pelo ‘como dizer’ está afinada e ao centro do pensamento grego no período clássico, no sentido de conceder limite ao que não tem limites, colocar ordem ao caos e achar a justa medida. É o estabelecimento da lógica do ser, que visa a possibilidade do conhecimento a partir dos fatos.

O pensar poético-mimético é um pensar por imagens, característico da oralidade e da linguagem dos sonhos, e, no tempo de Platão, encontrava uma nova cultura em formação, o pensar por conceitos, próprio da escrita e facilitado por ela. Essa transformação exigia o desenvolvimento de um novo método (Reale, 2011). Daí o desenvolvimento do método dialético ainda como forma da oralidade e o encaminhamento para a necessidade da lógica formal organizada pelo discípulo de Platão, Aristóteles. A lógica formal é mais apropriada à tecnologia da escrita e a circunscrever universos de discursos.

Thiry (1998/2010) leva em consideração “o objeto da ciência lógica como transformação da informação” (p. 92), pois que está ligada ao esforço da busca da verdade no discurso. Lógica provém de *logos*. Para o termo *λόγος*, encontro as acepções: palavra, discurso, razão e proporção, construção de argumentos para atingir um resultado, ligado à dialética. No período histórico anterior, de tradição oral, as narrativas eram predominantemente realizadas através do *mythos*, este “define-se por uma *narratividade monológica*, na qual se articulam imagens e símbolos que exigem uma interpretação” (Lopes, 2015, p. 62), uma modalidade discursiva. Posteriormente, na medida em que a escrita passa a ocupar um lugar de preponderância e autoridade nos domínios dos discursos, o *logos* vai tomando o lugar do *mythos*. Ao seguir a opinião de Donald Schüler, o *mythos* nunca foi abandonado, “se por *logos* estendemos o esforço para alcançar o saber, fica para o *mythos* a renovação da arte de dizer” (Schüler, 1998, p. 323). A linguagem passou a interessar como objeto de estudo, para além da *physis*, e assim a lógica foi se constituindo como disciplina. Desse conflito entre *mythos* e *logos*, também será fruto a própria filosofia. Ela mesma lançando mão do mito, como o da carruagem que leva ao conhecimento do mundo das Ideias em Platão, o mito da caverna e assim por diante, enquanto constrói o *logos*.

A lógica aristotélica dos predicados modela objetos através de variáveis *p* e *q*. Estuda as propriedades do conceito ou dos termos, onde a proposição *p* representa um fato, um objeto, classificado através das categorias, ou predicados, daí as proposições como silogismos categóricos. Sua teoria está reunida no *Organon* (Aristóteles, 2010), apresentando a lógica

como um instrumento para o correto pensar, tendo como objeto o silogismo, que deve atender às três regras ou princípios: princípio da identidade, princípio da não contradição e princípio do terceiro excluído.

São ditos ‘termos’ as expressões orais, ou sinais articulados, que comunicam um conceito. Por ser a linguagem de natureza social, esses sinais são convencionados arbitrariamente pelas pessoas que ocupam determinados lugares dentro de cada sociedade. Maritain (1958) considera a linguagem oral muito mais rica em ‘termos’ que a linguagem escrita. Essa deve sempre aprimorar seus termos para alcançar o que se pretende comunicar. Esse autor especifica que tudo parte ‘do termo mental’ ao qual deve corresponder o conceito, o ‘termo oral’ deve significar o conceito concebido pelo espírito humano e o ‘termo escrito’ sendo o sinal gráfico. Quando esses ‘termos’, que representam as coisas, passam a ocupar os lugares de sujeito e objeto e são articulados para chegar a um elemento final, temos, então, o ‘termo silogístico’.

Os termos são divididos em espécies conforme a intensão e a extensão. A intensão diz respeito a quanto mais se aproxima de um referente. A extensão diz da abrangência e das quantidades a que se refere o termo silogístico, o qual é parte da argumentação. Para situá-los numa proposição, convencionou-se que “o termo sujeito é aquele ao qual o verbo *ser* aplica uma determinação; o termo predicado é aquele que o verbo *ser* aplica ao sujeito para determiná-lo” (Maritain, 1958, pp. 61-62), sendo o verbo *ser* a cópula que une e afirma uma identidade entre sujeito e predicado, como exemplifica a proposição: A flor é bela. As proposições, ou termos, constroem-se com nomes e verbos, sendo o verbo *ser* o verbo mais excelente, além de colocar em questão a existência. O verbo *ser* tem mais de uma função, pode vir como cópula ou como verbo-predicado, quando digo da incapacidade de algo existir. De tal modo que “o verbo *ser*, numa proposição de verbo-cópula, como numa proposição de verbo-predicado, significa sempre a existência; e qualquer proposição afirma ou nega a *existência atual ou possível, real ou ideal*, de tal sujeito determinado” (Maritain, 1958, p. 64). O verbo *ser* significa a existência e a identidade entre sujeito e predicado nessas mesmas dimensões – atual ou possível, real ou ideal.

Um silogismo contém basicamente três termos: o Termo Menor (t) é o de menor extensão, é o extremo menor e comparece como sujeito na conclusão; o Termo Médio (M) tem por função unir os extremos, mas não aparece na conclusão, fica implícito. Finalmente, o Termo Maior (T) é aquele de maior extensão, é o extremo maior e comparece na conclusão como predicado ou atributo do sujeito. Os termos formarão as premissas, que quando o silogismo é absoluto, serão formadas pela Premissa Maior (PM) que contém o T (Termo Maior) e o M

(Termo Médio), a Premissa Menor (Pm) que contém M e o t (Termo Menor) e Conclusão (C) que contém os extremos T (Termo Maior) e t (Termo Menor). A lógica estuda o modo de dizer, no que tange aos argumentos onde as conclusões derivam necessariamente das premissas e objetivam a demonstração. Quando os argumentos apresentam conclusões alheias às premissas, estamos no campo da retórica, que objetiva a persuasão.

### ***1.1.1 Consistência***

Da lógica clássica, trazemos modos de classificar uma teoria. Aponto, primeiramente, as denominações Consistente e Completa. Uma teoria é dita consistente ou coerente (Hegenberg, 1995), quando não é possível dela derivar contradição. Também podemos dizer consistente, de uma coleção de proposições, onde não é possível deduzir contradição referente a conjunção entre elas. A análise de consistência se estende a sistemas, quando avalia a relação entre os teoremas, de modo que um não seja a negação do outro. A completude se diz de muitas formas, dependendo da área da lógica a que se aplica. Existe a completude sintática, a completude funcional, completude semântica e completude modal, cada uma com regras próprias de inferência e provas. É na tese de doutorado de Gödel que aparece a demonstração da noção de teoria completa, para a lógica de primeira ordem. É completa pois para ela vale o teorema da completude.

Uma teoria é dita completa se, para toda sentença da linguagem da teoria, tem-se que ela ou sua negação é consequência sintática da teoria. Contrariamente, uma teoria é dita incompleta se existe uma sentença, tal que nem ela nem sua negação são consequências sintáticas da teoria (De Souza, 2004, p. 202).

### ***1.1.2 As três regras***

#### ***1.1.2.1 Princípio de identidade***

Na antiguidade, foram estabelecidos os três princípios básicos para considerar que os enunciados sejam lógicos. Devem satisfazer, em primeiro lugar, o princípio de identidade. Se a frase é verdadeira, então ela é verdadeira. Se é falso, então é falso. Dito de outra maneira, “aquilo que é, é; o que não é, não é. Mais simplesmente:  $A=A$ . Este princípio não é uma trivialidade. É preciso ter a certeza da estabilidade dos conceitos para poder defender um raciocínio” (Thiry, 1998/2010, p. 93). Por esse princípio, toda proposição encontra correspondência com ela mesma, é tautológico. É um princípio que o século XX colocou em discussão, e a pretendida estabilidade dos conceitos sofreu abalos importantes, sendo que o próprio termo entrou em debate.

### 1.1.2.2 Princípio de não contradição

O princípio da não contradição marca uma diferença ao discurso lógico em contraposição aos discursos do universo mítico e poético. A não contradição define que uma proposição não pode ser e não ser ao mesmo tempo. O que equivale a dizer que não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo. A ênfase está na conjunção ‘e’. O critério de tempo e espaço estão subjacentes a este princípio. Um outro modo de dizer este princípio é em relação ao sujeito e predicado. Como exemplo, essa afirmação: ‘O mar é azul e o mar não é azul’. Essa frase fere o princípio de não contradição, isto é, não seria possível afirmar e negar um mesmo predicado para um mesmo sujeito num mesmo tempo. Sua fórmula é escrita do seguinte modo:  $\neg(P \wedge \neg P)$ . A não contradição está na base da filosofia do ser. Há registros no poema de Parmênides (século V A.E.C.), que tem encontrado ampla revisão nos últimos tempos, por colocar em questão a dimensão do não ser, que teria ficado à sombra por séculos: “o ser não é o não-ser. E, mais simplesmente:  $A \neq$  não A. Este princípio é o ponto de partida da reflexão lógica que distingue o verdadeiro do falso, o erro da verdade” (Thiry, 1998/2010, p. 92).

Poema de Parmênides, fragmento B 2, B3 e B6:

B2

Vamos, vou dizer-te - e tu escuta e fixa o relato que ouviste - quais os únicos caminhos de investigação que há para pensar: um que é, que não é para não ser, é caminho de confiança (pois acompanha a verdade);

o outro que não é, que tem de não ser,

esse te indico ser caminho em tudo ignoto,

pois não poderás conhecer o não ser, não é possível,

nem mostrá-lo [. . .]. (Santos, 2000, p. 19)

B3

[. . .] pois o mesmo é pensar e ser. (Santos, 2000, p. 21)

B6

É necessário que o ser, o dizer e o pensar sejam; pois podem ser, enquanto o nada não é; nisso te indico que reflitas. (Santos, 2000, p. 21)

Qual a filiação de Lacan para fundamentar seu pensamento sobre a falta a ser? Não é pelo caminho de Parmênides, pois o não ser em Parmênides é fenômeno, portanto não pode ser a base de Lacan para pensar o nada. A questão fica em aberto no presente trabalho, por hora vamos apenas situar a lógica de Lacan em relação à lógica clássica. O princípio da não

contradição é, para Aristóteles, o ponto base sobre o qual se montam os outros dois princípios, o da identidade e o do terceiro excluído (Thiry, 1998/2010).

### *1.1.2.3 Princípio do terceiro excluído, ou terceiro excluído: referente ao “ou” (v)*

O princípio do terceiro excluído talvez seja o mais próprio para representar a lógica binária sobre a qual repousa o senso comum. Ela diz P ou P, não há terceira possibilidade. “Toda coisa é ou não é” (Thiry, 1998/2010, p. 93). Ou é menino ou é menina. Uma terceira hipótese não pode ser admitida como verdadeira. Ou é verdadeiro que é menino, ou é verdadeiro que é menina. Ou é verdadeiro ou é falso, não há terceira possibilidade (Cunha, 2008). É o “ou” da exclusão. Por exemplo: Estás em São Leopoldo, ou vais para Porto Alegre, ou vais para Gramado. Não dá para escolher ir aos dois lugares ao mesmo tempo.

## **1.2 Lógica das proposições**

A Lógica das Proposições foi primeiramente desenvolvida pelos estoicos, escola iniciada por Zenão (335 - 264 A.E.C.), e teve o mérito de fazer uma lógica para além dos fatos, no aspecto ontológico, propondo o objeto lógico e as relações. Preconiza a noção de acontecimentos como fato singular e as relações entre os acontecimentos. Estuda os enunciados declarativos verificáveis e suscetíveis a um único valor de verdade V, F e nenhum deles. Usa como variáveis as letras latinas em minúsculo p e q, e compõe as proposições com elas, as chamadas fórmulas atômicas. Quando a expressão proposicional é construída com um argumento - ou variável - admite as funções de verdade, afirmação ou negação. Quando a expressão proposicional é construída com dois argumentos, isto é, combinam fórmulas atômicas entre si através dos conectivos lógicos (Thiry, 1998/2010), admite as funções conjunção (e,  $p \wedge q$ ), disjunção (ou, inclusiva  $p \vee q$ , ou, exclusiva  $p \vee\vee q$ ), incompatibilidade ( $p \perp q$ ), equivalência ( $p \Leftrightarrow q$ ), também chamada de bicondicional, e a implicação ( $p \Rightarrow q$ ).

Esta lógica funciona por axiomas e é precursora da Lógica Moderna no que tange ao estudo dos silogismos não categóricos. Esses nos levam ao desenvolvimento do estudo das transformações de conjunção em disjunção e vice-versa nas Leis de De Morgan (Thiry, 1998/2010), no campo das equivalências. É na sequência dessa tradição que encontraremos a Lógica de Husserl, Wittgenstein, Leibniz, Peano, Lukasiewicz, Boole, dos quais Lacan se serviu para pensar uma lógica para o fantasma.

### 1.3 Lógicas não clássicas ou alternativas

A lógica moderna tem seus prenúncios com Leibniz no século XVII e se desenvolveu em parceria com a matemática. A tensão entre o dizer e o escrever não cessa. Essa tensão pode produzir a energia que faz com que se busque um modo de escrever que resulta na chamada ‘matemática universal’, com o estabelecimento de uma linguagem universal, um alfabeto do pensamento com o fim de chegar a uma álgebra para fazer o cálculo da razão (D’Ottaviano & Feitosa, 2009). Com Leibniz, o princípio da Identidade e da não contradição são alvos de questionamentos.

Ao final do século XIX começou um reviramento com os trabalhos de Boole e De Morgan, em álgebra da lógica. Kant havia acabado de dizer que a lógica estava pronta e acabada, e os desenvolvimentos de Boole (1815-1864), De Morgan (1806-1871), Pierce (1839-1914) e McCall (1930-2021) abriram caminho para outra coisa. O *Begriffsschrift*, escrito por Frege, em 1879, ganhou espaço ao ser descoberto e tratado por Bertrand Russell, passou a figurar em destaque na lógica moderna, só comparável aos Primeiros Analíticos de Aristóteles (D’Ottaviano & Feitosa, 2009). Gottlob Frege é considerado o pai da lógica moderna. Para a psicanálise lacaniana, tem importância, inclusive, por ser um dos precursores em fazer a diferença entre linguagem e metalinguagem, a qual Lacan irá colocar em questão (Lacan, 1971/2009). Frege chamaria metalinguagem o formalismo da expressão lógica, através de símbolos que não falam de vivência concreta imediata. Se expressa por conectivos ou operadores lógicos ( $f \ x \ \vee \ \wedge \ \rightarrow \ \leftrightarrow \ \neg$ ) em relação aos quais Lacan proporá que não há metalinguagem, visto que esses símbolos não estão na linguagem comunicativa da fala (Lacan, 1971/2009). Lacan usa a metalinguagem, mas não a faz, o que ele objetiva é falar da origem. Como na origem não havia sujeito, a lógica do fantasma vem a dizer algo sobre essa origem. Penso que tomando o sujeito como assunto, o fantasma permite situá-lo – o sujeito - antes da lógica, sendo ela mesma – a lógica – uma criação do fantasma da lógica. A lógica é também um (§) sujeito barrado, sempre parcial, restando algo a ser logicizado. A lógica é o que a janela permite entrever. É nesse sentido que a lógica do fantasma é principal a toda lógica.

Com a adoção da aritmética como um ramo da lógica, Frege formula: “todos os termos da aritmética podem ser provados a partir dos axiomas lógicos e todos os teoremas da aritmética podem ser provados a partir dos axiomas lógicos” (D’Ottaviano & Feitosa, 2009, p. 6). Logo em seguida, chega Cantor com a teoria dos conjuntos e dos infinitos, e com isso uma onda de paradoxos se apresentaram, levando ao desenvolvimento e abertura do campo da lógica em novas possibilidades. Um paradoxo se dá quando a premissa leva a mais de uma conclusão, e

elas se excluem uma à outra. Essa crise dos paradoxos exigia soluções. E, Poincaré foi um de seus arautos. Um novo período se inaugurou com a publicação do *Principia Mathematica* por Russell e Whitehead (1980), a partir de 1910.

A lógica clássica já trabalhava com conectivos entre proposições: negação, conjunção, disjunção, implicação e bicondicional; e com quantificadores: Universal e Existencial. Na contemporaneidade, novas possibilidades são propiciadas pelo ambiente de trabalho na matemática. Surgem o teorema da incompletude de Gödel e as geometrias não euclidianas, que levam ao desenvolvimento por Riemann de uma nova noção de espaço, às várias geometrias e a uma verdadeira revolução na aritmética. Evolui o método axiomático entre os alemães, notadamente a partir de Cantor, que independiza a matemática dos fatos do mundo físico real, e Hilbert, ao afirmar que “no verdadeiro método axiomático se deveria tratar de todas as possibilidades lógicas existentes” (D’Ottaviano & Feitosa, 2009, p.20).

Entre os franceses, temos Poincaré, com quem Lacan estudou. E é a junção dessas duas escolas que delimitam o novo campo, como resume Da Costa (1992):

[...] as geometrias não-euclidianas sugeriram a possibilidade de lógicas diferentes da clássica; a geometria projetiva contribuiu para que se concebesse a lógica de maneira formal e abstrata; as obras de Cayley, Grassmann e Hamilton corroboraram a importância dos desenvolvimentos provocados pelo impacto das geometrias não-euclidianas; o cantorismo conduziu às axiomatizações da teoria de conjuntos e à formalização das chamadas lógicas abstratas; e a concepção matemática de Poincaré e de outros matemáticos franceses desembocou no construtivismo contemporâneo das lógicas intuicionistas (p. 59).

As lógicas não clássicas são conhecidas por derogarem princípios da Lógica Clássica, como por exemplo:

- Lógicas não reflexivas e lógica quântica: derogam o princípio da identidade.
- As lógicas Paraconsistentes e Relevantes: derogam o princípio da (não) contradição.

O interesse do lógico brasileiro Newton Carneiro Afonso da Costa, criador da lógica Paraconsistente, pela matemática e pela física quântica, o levaram a explicitar as regras e leis de uma lógica para dizer o mundo infinitamente pequeno. Foi demonstrado que o comportamento de partículas é modificado pelo observador, também a possibilidade dessas partículas estarem em dois lugares ao mesmo tempo. A disjunção entre lugar e tempo, de modo que ao medir a posição se perde a possibilidade de medir velocidade e vice-versa, e a transformação das partículas em ondas, ao passar por duas fendas demonstram que as noções clássicas baseadas nos conceitos de tempo, lugar, deslocamento, velocidade, podem não se

aplicar. Essas descobertas e teorizações (Da Costa, 1992) não obedecem às leis da identidade, não contradição e terceiro excluído.

Em um escrito apresentado por Newton da Costa e Jorge Forbes, em 1986, fica sugerido que Lacan além de fazer o uso Heurístico e analógico da lógica para realizar seus desenvolvimentos teóricos também faz uso da lógica Paraconsistente, às vezes usando proposições que se comportam bem e permanecem dentro da lógica clássica e outras vezes faz uso de proposições não comportadas. Usará das lógicas paraconsistentes por essas abarcarem a inconsistência, que admite a contradição interna à proposição sem se tornar trivial por não fazer de todas as sentenças, teoremas (Forbes & Costa, 1987).

Cada nova lógica trata dos limites estabelecidos nas três regras da filosofia clássica apresentados acima (item 1.1.2). A construção do raciocínio de Lacan o levou a mostrar a necessidade de derrogar alguns princípios para dizer da verdade do inconsciente. Abaixo, elenco os princípios derrogados pelas novas lógicas em desenvolvimento principalmente no século XX:

- As lógicas Paracompletas, Intuicionistas e Polivalentes: derrogam o princípio do terceiro excluído.
- Lógicas Aléticas: derrogam o princípio da contradição e o do terceiro excluído.
- Lógicas Reflexivas: derrogam o princípio da Identidade.
- Lógicas polivalentes: o polonês Jan Lukasiewicz desenvolveu as lógicas trivalente, tetravalente, infinitovalente e polivalente. O que nos interessa, em específico, é seu desenvolvimento de novas possibilidades de valores de verdade para as proposições. Como a Lógica clássica trabalha com os valores V e F, é determinista, ele entendia que isso ofendia a possibilidade do livre arbítrio. Então, na lógica polivalente, é acrescentado o valor I, Indeterminado. Lukasiewicz teve necessidade desse desenvolvimento para sair da situação do determinismo. Ele cria a possibilidade de termos uma lógica para a indeterminação, onde fica indeterminado tanto o verdadeiro quanto o falso. E essa será útil para pensar a lei dos significantes na psicanálise. O significante é vazio, então seu valor é indeterminado, de modo que pode assumir valores diversos conforme os significantes que o acompanham. Um influencia o valor do outro quando atualizados na fala.

#### **1.4 Paradigma**

Freud começou a mudança de paradigma ao sair da descrição nosográfica da medicina tradicional e admitir a transferência como instrumento para ler as relações entre os sintomas e as lembranças patogênicas. A descoberta do inconsciente como determinante do psiquismo

inaugurou um novo paradigma, e, nesse, o analista passa a ocupar um lugar faltante, como parte do sintoma. Para desenvolver a teoria psicanalítica, Freud recorreu aos mitos e, com os sonhos, pode fazer uma leitura através de uma gramática no inconsciente, a partir do deslocamento e da condensação. Para Freud, o Inconsciente é descrito como um continente onde as lembranças, imagens e pensamentos estão escondidos.

Lacan, por sua vez, faz o próximo movimento paradigmático ao realizar a crítica do mito e teorizar a psicanálise no campo lógico. A princípio, para trabalhar a noção de falta, utiliza as figuras de linguagem metáfora e metonímia, trazidas da linguística, mas com os recursos provindos de outras ciências, como a topologia, pode conceber o que é inconsciente como uma superfície onde os fatos de linguagem estão virtualmente presentes em possibilidade igual de vir a acontecer. E a formulação “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” marca esse giro paradigmático.

Seguirei a orientação de Kuhn (como citado em Reale, 2011) neste ponto:

Cada discurso científico, diz justamente Kuhn, se funda sobre ‘paradigmas’ os quais fornecem aos cientistas ‘modelos’ para a formulação dos problemas e para a solução dos mesmos. Os paradigmas, portanto, tem uma função reguladora nas ciências, e constituem a verdadeira força dinâmica que determinam os seus desenvolvimentos (p. 18).

Como trabalhei, durante o mestrado, com um Seminário de Lacan que não contava com uma edição oficial, o que só veio a acontecer na França, a dois meses do final do trabalho, então, utilizo quatro das fontes diretas disponíveis: a tradução brasileira proposta pelo CEF de Recife, a edição do Staferla (Lacan, 1966-67), disponível no site [staferla.free.fr](http://staferla.free.fr), a versão crítica de Ricardo E. Rodríguez Pontes, disponível em [www.lacanterafreudiana.com.ar](http://www.lacanterafreudiana.com.ar), e a versão colombiana: [www.analitica-apb.com/la-logica-del-fantasma](http://www.analitica-apb.com/la-logica-del-fantasma) (Pontes, 2008). A publicação na França da versão oficial do “Le Séminaire livre XIV: La logique du fantasme”, estabelecida por Jacques-Alain de Miller, só ocorreu no final de janeiro deste ano de 2023, sem tempo hábil para uma comparação apurada, a não ser elementos pontuais. A tradução do CEF se fez a partir do texto estabelecido pela A.L.I. – Association lacanienne Internationale, evitando notas de elucidação ou críticas, e é de uso interno aos membros da CEF.

A Staferla tem sido um recurso valioso para cotejar as diferentes traduções e foi tomada por mim como referência para as demais. A versão crítica de Ricardo Pontes é muito boa, e infelizmente ficou inacabada, acompanhando até a lição 10 de 1 de fevereiro de 1967. Pontes (2008) utilizou para estabelecer sua versão, nada menos que oito versões do Seminário proferido por Lacan: ALI, estabelecido sob a responsabilidade de Claude Dorgeuille, em março

de 2003; ALI/2, versão de J.-P. Beaumont, B. Vandermersch e outros, baseada na transcrição de Guy Sizaret (CD); STF – Staferla; JL, versão datilografada a partir da taquigrafia realizada *in loco* e entregue a Lacan posteriormente, que às vezes revisava e corrigia; CD, versão em CD-ROM, também devida a Guy Sizaret; GAO, versão do secretariado de Lacan, disponível em <http://goagoa.free.fr/Seminaire.htm>; FD, considerada por Pontes pouco confiável; e JN – que são resumos -transcrições do Seminário a cargo de Jacques Nassif, com destino de publicação na revista *Lettres de l'École Freudienne de Paris*, posteriormente reunidos em um volume.

### 1.5 Matemática

Mas o que a matemática tem a ver com tudo isso? Vamos perguntar a opinião de Hegenberg (1995). Ele nos diz que a matemática é simplesmente a Lógica dos Lógicos. Mas, a partir da lógica-matemática, com Frege (1879), as opiniões sobre isso divergem. A álgebra, inicialmente, era parte da Aritmética; e as operações realizadas com números eram operações básicas. Mas a álgebra se ampliou, admitindo novos elementos e novas operações, isto é, operações lógicas, para além da Aritmética. O surgimento da Teoria dos Grupos, que estuda a simetria, marca o início da Álgebra Moderna, onde “a noção de *lei de composição* generaliza a noção de operação” (Hegenberg, 1995, p. 4).

### 1.6 Incomensurável

Mensurar é medir. Medir é comparar tamanhos. Para isso, usa-se unidades de medidas para encontrar a proporção entre grandezas. Pode-se usar muitas unidades de medida para estabelecer uma medida, a proporção, ou também podemos dizer a ‘razão’, entre duas grandezas. Quando algo fica fora da condição de obter a razão exata entre grandeza, entramos no campo do incomensurável. Por exemplo, um retângulo áureo, seus lados são incomensuráveis, gerando infinitamente novos retângulos na divisão, devido a não proporção, isto é, a razão entre eles não é um número inteiro, é um número irracional.

### 1.7 A conjectura lógica de Lacan

Na tese *A Conjectura Lógica de Jacques Lacan: A lógica como ciência do real*, M. Silva (2019) propõe-se a “investigar as consequências da relação de Lacan com o campo lógico”. O ponto de partida é hipótese de que os diversos modelos lógicos propostos por Lacan formam um conjunto de hipóteses organizadas como uma conjectura lógica, “uma conjectura que se propõe não-toda demonstrável” (p. 8). Enquanto tal, faz transparecer pontos em que os limites

da escrita da ciência se encontram com os da escrita lógica. M. Silva (2019) endossa a tese de que “Lacan promove uma subversão da lógica ao escrever” (p. 8) esses limites via matema.

Ressalta-se, também, que no Seminário Livro 14, Lacan ainda não tinha inventado o termo matema. Antes disso, a fórmula da Lógica do Fantasma estava em pleno uso e desenvolvimento, mas ainda não era chamada de matema. O termo *mathème*, que é uma invenção de Lacan, surgiu em dezembro de 1971 (especificamente em 2/12/71)<sup>2</sup>, em uma conferência na capela do Hospital *Sainte-Anne* (Lacan, 1971-72/1997). É possível o acompanharmos no Livro 19b – O Saber do Psicanalista (Lacan, 1971-72/1997). Logo a seguir, Lacan o empregou no Seminário proferido no *Panthéon-Sorbonne*, publicado no Livro 19, ...Ou Pior (Lacan, 2012).

M. Silva (2019) busca no linguista Milner (1996) uma periodização de Lacan, dividida em três períodos: 1) Classicismo – estruturalismo – matemática; 2) Classicismo – virada e revirada lógica – matemática; 3) Desconstrução – emergência do nó – arte. O tema da lógica do fantasma se localiza no segundo classicismo, que compreende os Seminários: 09; 12; 13; 14; 15 e 16. Para Silva, a virada lógica tem seu cerne nos Seminários 09; 12; 13 e 14 e se resolve no Seminário 16.

Para funcionar, a lógica matemática precisa “prescindir de um sujeito”. Devido a impasses na formalização, o autor mostra que Lacan subverte a lógica para formalizar o impasse e, para alcançá-lo, propõe a lógica do significante, “uma lógica que teria como efeito a emergência do sujeito do Inconsciente. A partir daí, a lógica do significante passa a ser suplementada pela letra como matema” (M. Silva, 2019, p. 23). E o matema comparece como uma notação formal de algo que só se acessa pela escrita, um recurso para dizer do nada fundante. O nada só é abordável pela escrita, com o fim de investigação e transmissão de saber. O objeto *a* é uma marca para escrever esse nada. O objeto *a* está esvaziado. Lacan já estava usando álgebra quando criou o objeto *a*, ao esvaziar o ‘*a*’ que anteriormente representava o pequeno outro – o ‘*a*’ seria, em termos matemáticos, uma variável. No Seminário Livro 10, o objeto *a* é um resto. No matema, ele marca uma variável, pode ser ocupado por diversos valores.

M. Silva (2019) relaciona a lógica a Freud a partir dos recursos oferecidos por Lacan. Para tanto, faz um recorrido aos fundamentos epistemológicos freudianos desde a filosofia aristotélica diferenciando algumas concepções e suas leis. Concepções ontológicas (leis do ser

---

<sup>2</sup> Le mathème, ce n'est pas parce que nous y abordons par les voies du Symbolique pour qu'il ne s'agisse pas du Réel. (Staferla, p. 42, 2/12/71) Et ce qui définit un discours, ce qui l'oppose à la parole, je dis...parce que c'est cela qui est le mathème ...je dis que c'est ce que détermine - pour l'approche parlante - ce que détermine le Réel. (p. 48) Et le Réel dont je parle est absolument inapprochable, sauf par une voie mathématique (p. 49).

ou da realidade); psicológica (leis do pensamento) e linguística (leis da linguagem). Também traz três concepções de verdade: objetiva; subjetiva e hipotética. Apresenta uma série de leitores de Freud, inclusive, e, principalmente, Lacan e sua leitura lógica do texto do psicanalista vienense, centrando a discussão na lógica do capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* (Freud, 2014), onde a pergunta pelo sentido fundada na lógica aristotélica faz emergir o não sentido das formações do inconsciente, da qual o sentido sexual não dá conta. A verdade fala através da fala. O que é a coisa freudiana? Se pergunta. É que a Coisa fala a verdade (M. Silva, 2019). O autor trabalha os conceitos de representação e representante da representação e os compara com o conceito de significante, mais afeito ao representante da representação. A fantasia é abordada como um método em Freud e Silva a aproxima do Fantasma de modo a se fundirem os conceitos.

A leitura crítica a que o presente trabalho se propõe, objetiva diferenciar os conceitos de fantasia em Freud e Fantasma em Lacan, o que procuro fazer no capítulo Quatro. Essa leitura faz uso da proposta e chaves de leitura oferecidas por Alfredo Eidelsztein para a desambiguação Freud-Lacan como método crítico. Ao aceitar que Lacan, um dos grandes leitores de Freud, busca no inventor da psicanálise o que há de mais original, que é justamente a abertura para a invenção, para fazer sua própria invenção, busco perceber uma parte da fronteira entre ambas as teorias, tão próximas e tão distantes quanto pode ser um litoral ou um horizonte.

## 2 Notas Sobre O Jovem Törless de Robert Musil<sup>3</sup>

*Die Verwirrungen des Zöglings Törless* é o título original do romance de estreia de Robert Musil, que, literalmente, pode ser traduzido como ‘As Confusões do Aluno Törless’. Lya Luft escolhe o artigo definido ‘o’ e o adjetivo ‘jovem’ para situar o personagem central do romance em um tempo em que supomos a perplexidade do olhar ao constituir o mundo como próprio e alheio em sua dimensão de continuidade e descontinuidade. Com essa escolha, deixa o leitor mais livre, e não compromete o título a possíveis sentidos que a palavra ‘confusões’ carrega consigo no linguajar brasileiro.

Törless, o protagonista, vive, em um internato, um processo de abertura através do qual realiza uma espécie de pesquisa. Se deixa conduzir pelo espanto frente ao que não há. Se percebe habitando um corpo sem ternura e uma mente confrontada com o angustiante infinito que pode haver no vazio. Sua chegada ao internato marca uma separação do convívio com os pais, o que cava um oco em seu ser. O entorno e ele mesmo se tornam desconhecidos. Os pais se vão e deixam com ele seu nome. Novas hierarquias se apresentam. Não há saída senão alienar-se a Beineberg, Reiting, seus colegas mais velhos, aos quais seus pais o recomendam, Basini, parceiro de Törless, os mais jovens da turma e Bozena, personagem que os acolhe pela prestação de serviços e denuncia a nudez de cada um sob os mantos simbólicos que carregam.

O pensamento é exigido para dar conta da nova realidade, onde conhecimentos inexatos, introdutórios e insuficientes se mesclam às exigências de novos contornos à sexualidade irrecalcável e ao mesmo tempo inescapável. O pensar e o não ser estão em franco processo de mútua resistência. Beineberg e Reiting tomam Basini por objeto de humilhação, amor-ódio, sexual. A relação é cheia de segredos. As práticas tradicionais do internato, os caminhos trilhados por muitas gerações, comparecem numa cena em que a crueldade é usada como sombra para esvanecer a cena sensual entre os alunos e construir lugares sociais. A hierarquia se estabelece entre os alunos, Törless está entre os que devem demonstrar submissão às figuras dominantes, no caso, seus próprios colegas de classe. É estratégia de sobrevivência. Beineberg e Reiting rastreiam qualquer sinal de perda de domínio, como parte da montagem da personalidade paranoica a caminho do ato. Törless se interessa por Basini, pois sua presença o faz pulsar e entrever, e isso é percebido. Basini se coloca em situação difícil ao pegar um dinheiro que não é seu. Nesse momento, aparece um assunto, um Sujeito, que dá passagem à

---

<sup>3</sup> Publicado em 1906, *Die Verwirrungen des Zöglings Törless*, romance de estreia do austríaco Robert Musil, foi traduzido para o português brasileiro por Lya Luft e publicado em 1981 pela Nova Fronteira e posteriormente pela Folha em 2003, e nova edição pela Nova Fronteira em 2019. Musil tinha interesse por filosofia, matemática e psicologia experimental de matriz gestaltiana, segundo Antônio Xerxenesky (Musil, 2019) na apresentação do livro. Musil despertou o interesse da pesquisadora Kathrin Rosenfield que se especializou em sua obra.

cena de tortura ao qual serão submetidos, como agentes, pacientes e espectadores. Esse é o ponto de enlace em que o que era fantasia de violar o outro, ganha o enquadre do fantasma de educar o outro através da destituição do lugar no simbólico.

Em que consiste a potência de cada um? Como é possível que alguém seja capturado no fantasma do outro? Algo comparece como realização no campo da realidade, no entanto, o recalçado permanece não realizado. Embora se faça presente como linguagem inaudível, como na lembrança de infância que Törless narra a Beineberg, quando um dia, no bosque, a criada se afastou e ele se viu sozinho:

E quando olhei em volta, foi como se as árvores estivessem dispostas num círculo silencioso, me encarando. Comecei a chorar; sentia-me completamente abandonado, entregue àquelas grandes criaturas imóveis... O que será isso? sinto-o muitas vezes, esse silêncio repentino, como uma linguagem inaudível... (Musil, 2019, p. 23).

Um momento de ver-se sendo visto, soma-se ao olhar perdido pela janela em busca de um sinal, de algo que faça consistir uma moldura que lhe permita ver em que se agarrar. Quando o infinito o toma, senta-se ele mesmo à janela, onde o amor, o infinito, a matemática e os pensamentos vivos e mortos dançam contra o nada. Olhar Basini revelava algo de si. Mas o quê?

O lugar de Törless e sua palavra estavam referidos ao nome e prestígio de seu pai. O mesmo valia para Beineberg e Reiting. Já Bosena representa um lugar cultural na Áustria do início do século XX, onde os significantes repressivos são fortemente dirigidos às mulheres. A sexualidade feminina, seja onde aparecer, estava bem-marcada pelos significantes de desvalia e abusos que se pretendiam justificados. Como aparece na cena em que um habitante local usou dos serviços sexuais de Bosena, recusou pagar em dinheiro, e a atacou com insultos e ameaças de agressão física. Além disso, o lugar da palavra mãe carregava consigo um imenso campo de proibições para homens e para as mulheres, criando uma oposição entre dois lugares mutuamente excludentes: ou materno não sensual ou desvalia sensual. Basini, filho de uma mulher viúva, ainda que riquíssima, não podia oferecer ao filho um lugar social mais seguro, embora pudesse pagar por essa escola-internato, a mais cobiçada pela elite financeira local. Há um tio, mas ele permanece de viés, portanto, Basini fica exposto sem uma retaguarda familiar que lhe conferiria alguma proteção ao olhar dos colegas. É nesse sentido que o lugar de onde é visto, o constitui como dejetivo.

Neste capítulo, apresentei uma breve resenha do livro em alguns recortes sobre o pensamento, a sexualidade, o infinito e a janela. No capítulo Quatro, tomo a janela como metáfora do matema do fantasma ( $\$ \diamond a$ ), na neurose. E retorno a pergunta: como é possível que

alguém seja capturado no fantasma do outro? No capítulo a seguir apresento elementos do texto de Lacan utilizados para pensar a janela do fantasma na novela.

#### 4 Considerações Finais

*Ninguém faz nada sozinho.*

(dito popular)

Esta dissertação teve por objetivo compreender a fórmula do fantasma na psicanálise lacaniana. O primeiro passo foi buscar uma diferença entre a fantasia em Freud e o matema do fantasma em Lacan. Logo a seguir, tomei como pergunta de pesquisa a provocação de Lacan que aparece na sessão de 1º de fevereiro de 1967, que pergunta como é possível que alguém se posicione, por sua própria existência, como presa do fantasma dos colegas, em referência a novela “O Jovem Törless”, de Robert Musil. Esta obra da literatura foi o método utilizado para alcançar a compreensão do matema do fantasma e da diferença entre fantasia e fantasma.

Os resultados do estudo estão apresentados no capítulo Quatro: “*Freud, Lacan e Musil: A fantasia e a Janela do Fantasma*”. Neste, procurei mostrar a fantasia em Freud como uma cena imaginária com o criador da fantasia posicionado como espectador fora da cena, ainda que figure nela e o matema do fantasma como uma janela lógica. As fantasias em Freud respondem a um campo mítico e permanecem em seus pontos fundamentais, inconscientizada. Suas bases remontam à primeira infância em relação à conflitiva edípica e estão associadas a sons escutados que permaneceram enigmáticos e que compõem a sensualidade. A janela do fantasma composta pelas operações lógicas que entram em função na leitura de cada um dos personagens envolvidos, sobre seu lugar e o lugar do outro no discurso do Outro. Neste, estão disponíveis simultaneamente as possibilidades de combinações entre os assuntos e o que move os mesmos. Os personagens particularizam a leitura do que está dominante no discurso do Outro e tomam o outro como encarnação de determinados lugares simbólicos desse discurso, conforme o engano de cada um propiciado pelas condições de suas existências. O matema do fantasma nos permite ler o enquadre particular de cada um a partir de como se posicionam no assunto ( $\$$ ), em relação ao objeto  $a$ , que tipo de assunto cada personagem vai ser no discurso corrente, se vai se colocar no lugar do objeto e de que maneira. Conclui-se que, na novela, todos os personagens estão posicionados em relação ao fantasma de educar o outro pela violência e crueldade com vistas a destituir-lhe a humanidade e melhor se servir dele como objeto.

Esses achados contribuem para a pesquisa no campo psicanalítico uma vez que mostram um ponto de diferenciação entre as teorias de Freud e Lacan quanto à discussão sobre o *fantasme*. Como demonstrado o problema de pesquisa sobre *la logique du fantasme* vai muito além de uma questão de tradução. Estamos diante de conceitos diferentes, tratados em

dimensões diversas, Freud no campo gramatical, Lacan no campo lógico. Trabalhar com a fantasia de surra presente no ambiente escolar a partir do matema do fantasma, abre portas para pesquisas sobre as pequenas e grandes tragédias que tenham escola como palco. Os resultados aqui apresentados contribuem com os esforços de pesquisas sobre o *bullying*, como uma cena em que todos estão implicados, cada um à sua maneira. Olhar para situações sociais e fazer a leitura do discurso do Outro é um investimento da pesquisa psicanalítica que pode contribuir com a prática clínica e com a sociedade.

Como limitação do estudo, cito a escolha de recortes pontuais da novela, deixando tantos outros aspectos por serem analisados e compreendidos. No contexto da novela de Musil, o fantasma não é propriedade particular de cada um, mas que cada um participa, de modo inconsciente no fantasma presente no discurso do Outro. Esse foi um exercício de hipóteses a partir da questão que Lacan propôs durante o seminário de 1966-1967. Obviamente, se trata de uma aplicação de um conceito de alienação ao discurso do Outro.

Mas foi para pensar a ambiguidade do objeto *a* como causa do desejo que Lacan usou a estrutura topológica de um cross-cap. Essa estrutura permitia mostrar que, com um só corte, o que aparecia como uma superfície, eram duas superfícies. Lacan comparou esse corte, o do atravessamento da linha em forma de oito invertido em um cross-cap com o atravessamento do fantasma em uma análise.

Para pesquisas futuras, ficam algumas questões: a pesquisa psicanalítica é abduativa? Qual seria uma axiomática mínima para o fantasma e como justificá-la? Qual a filiação de Lacan para pensar o nada? Sugiro, além disso, estudo na literatura brasileira sobre o fantasma de educar o outro pela eliminação de sua humanidade.

## Referências

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de filosofia* (5a ed.). Martins Fontes.
- Abreu, T. M., & D'Agord, M. R. L. (2021). O "fantasme" em Jacques Lacan, o Intraduzível em questão. *Trivium*, 13(1), 101-111. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2021v1p.101>.
- Aristóteles. (2010) *Organon: Categorias da interpretação, analíticos anteriores, analíticos posteriores, tópicos, refutações sofísticas* (E. Bini Trad.). Edipro.
- Badiou, A., & Cassin, B. (2013). *Não há relação sexual: Duas lições sobre "O aturdido" de Lacan*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Barros, M. (2013). *Poesia completa*. LeYa.
- Branquinho, J., Gomes, N., & Murcho, D. (2005). *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos*. Martins Fontes.
- Beividas, W. (1999). Pesquisa e transferência em psicanálise: Lugar sem excessos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(3). <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000300016>.
- Beividas, W. (2001). *Inconsciente et verbum: Psicanálise, semiótica, ciência, estrutura*. Humanitas.
- Bergson, H. (2005). *A evolução criadora*. Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1907).
- Caon, J. L. (1994). O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7(2), 145-174.
- Caon, J. L. (1996). Psicanálise <> metapsicologia. In A. Slavutzky, C. L. S. Brito, & E. L. A. Sousa (Orgs.), *História, clínica e perspectiva nos cem anos da psicanálise* (pp. 61-73). Artes Médicas.
- Caon, J. L. (1997). Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(1). <https://doi.org/10.1590/S0102-79721997000100008>
- Cassin, B. (Ed.). (2004). *Vocabulaire européen des philosophies: Dictionnaire des intraduisibles*. Dictionnaires Le Robert. Recuperado em 10 de julho de 2021, de [https://libgen.is/searcah.php?req=cassin&lg\\_topic=libgen&open=0&view=simple&res=25&phrase=1&column=def](https://libgen.is/searcah.php?req=cassin&lg_topic=libgen&open=0&view=simple&res=25&phrase=1&column=def)
- Chatelard, D. S. (2007). Do determinismo psíquico às escolhas subjetivas. *Revista do Departamento de Psicologia UFF*, 19(2), 339–344. <https://doi.org/10.1590/S0104-80232007000200005>
- Chemama, R. (1998) *Diccionario del Psicanálisis: Diccionario actual de los significantes, conceptos y matemas del psicanálisis*. Amorrortu Editores.
- Cunha, F. G. M. (2008). *Lógica e conjuntos*. Universidade Aberta do Brasil/IFCE.

- Da Costa, N. C. A. (1992). O ambiente matemático no século XIX e a lógica do século XX. In F. Évora (Org.), *Século XIX: O nascimento da ciência contemporânea* (pp 59-65). Unicamp.
- Dahl, G. (2011). Os dois vetores temporais de Nachträglichkeit no desenvolvimento da organização do ego: a importância do conceito para a simbolização dos traumas e ansiedades sem nome. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 95-114. Recuperado em 20 de fevereiro de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352011000100009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000100009&lng=pt&tlng=pt).
- Descartes, R. (1987). *Discurso do método: As paixões da alma*. Nova Cultural. (Originalmente publicado em 1637).
- De Souza, E. G. (2004). Completude diz-se em vários sentidos. *Cognitio: Revista de Filosofia*, 5(2), 78-82.
- D'Ottaviano, Í. M. L., & Feitosa, H. D. A. (2009). *Sobre a história da lógica, a lógica clássica e o surgimento das lógicas não clássicas*. Recuperado em 20 de janeiro de 2022, de [https://www.academia.edu/34054983/Sobre\\_a\\_hist%C3%B3ria\\_da\\_l%C3%B3gica\\_a\\_l%C3%B3gica\\_cl%C3%A1ssica\\_e\\_o\\_surgimento\\_das\\_l%C3%B3gicas\\_n%C3%A3o\\_cl%C3%A1ssicas\\_1](https://www.academia.edu/34054983/Sobre_a_hist%C3%B3ria_da_l%C3%B3gica_a_l%C3%B3gica_cl%C3%A1ssica_e_o_surgimento_das_l%C3%B3gicas_n%C3%A3o_cl%C3%A1ssicas_1)
- Dunker, C. L. I. (2017). O que significa método em psicanálise. In C. E. Lang, J. S. Bernardes, M. A. T. Ribeiro, & S. V. Zanotti (Org.), *Clínicas: Pesquisas em saúde, psicanálise e práticas psicológicas* (pp. 13-32). Edufal.
- Dunker, C. I. L., & Kupermann, D. (2016). *Por que Lacan? Zagadoni*.
- Dunker, C. I. L.; Voltolini, R. & Jerusalinsky, A. N. (2008). Metodologia de pesquisa e psicanálise. In R. Lerner & M. C. M. Kupfer (Eds.), *Psicanálise com crianças: Clínica e pesquisa* (pp. 63-91). Escuta.
- Eidelsztein, A. (2001). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan I*. Letra Viva.
- Eidelsztein, A. (2004). El fantasma en la clinica psicoanalitica. *Su lógica*. [Programa de seminários por internet]. Recuperado em 18 novembro de 2022. <https://www.edupsi.com>.
- Eidelsztein, A. (2008). *Las estructuras clínicas a partir de Lacan: Vol. 2: Neurosis, histeria, obsesión, fobia, fetichismo y perversiones*. Letra Viva.
- Eidelsztein, A. (2018). *Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan*. Toro.
- Eidelsztein, A. (2020). *Otro Lacan: Estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano*. Letra Viva.
- Eidelsztein, A. (2022). *El grafo del deseo*. Letra Viva.
- Elia, L. (1999). A transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso?. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(3). <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000300015>
- Fonseca, L. (2014). Prefácio. In J. J. Tyszler (Org.), *O fantasma na clínica psicanalítica* (L. P. Fonseca, Trad., pp. 7-10). Editora da Association Lacanienne Internationale.

- Frege, G. (2018). *Conceitografia: Uma linguagem formular do pensamento puro decalcada sobre a aritmética* (P. Alcoforado, A. Duarte, & G. Wyllie, Introdução, tradução e notas). UFRRJ-PPGFIL.
- Forbes, J. D. F., & Costa, N. C. D. (1987). *Sobre psicanálise e lógica*. Recuperado em 15 de março de 2021, de [jorgeforbes.com.br/assets/files/Artigos/Sobre-Psicanalise-e-Logica-JF-e-NC\\_002.pdf](http://jorgeforbes.com.br/assets/files/Artigos/Sobre-Psicanalise-e-Logica-JF-e-NC_002.pdf)
- Freud, S. (1980). *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*. Carta 84. (Originalmente publicado em [1898]).
- Freud, S. (1992). Proyecto de psicologia. In S. Freud (Ed.), *Obras completas* (Vol. 1, p. 323-436). Amorrortu Editores. (Trabalho original publicado em 1886–1899).
- Freud, S. (2010). O inconsciente. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 74-112). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em [1915]).
- Freud, S. (2012). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Sigmund Freud Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 11, pp. 177-237). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (2014). *Interpretação dos sonhos* (Vol. 13). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2016a). Bate-se numa criança. In S. Freud, *Neurose, psicose, perversão* (pp. 123-156). Autêntica.
- Freud, S. (2016b). *Estudos sobre a histeria*. In S. Freud, *Sigmund Freud Obras completas* (L. Barreto, Trad., Vol. 2). Companhia das Letras.
- Freud, S. (2016c). Neurose, psicose, perversão. In S. Freud, *Obras incompletas de Sigmund Freud* (Vol. 5, M. R.S. Moraes Trad.). Autêntica. (Originalmente publicado em 1856-1939).
- Freud, S. (2016d). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas: Volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade; Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e Outros textos* (pp. 13-172). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (2022). *Histórias clínicas cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica*. Autêntica.
- Ghilardi, R. B., & D'Agord, M. R. D. L. (2018). O sujeito e a fala em psicopatologia: aportes sobre a forclusão. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(3), 953-965.
- Guggenberger, R., & Rosenfield, K. (2021). Prefácio e introdução ao dossiê “A Áustria e sua literatura no Brasil e no mundo”: Boas-vindas à literatura austríaca em solo brasileiro! *Pandaemonium Germanicum*, 24, 1-14.
- Gurski, R. & Perrone, C. (2021). O jovem ‘Sem qualidades’ e o desejo de fascismo: Enlaces entre psicanálise, educação e política. *Educação & Realidade*, 46(1), e109161. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236109161>

- Heidegger, M. (2009). *El arte y el espacio: Die Kunst und der Raum* (J. A. Escudero Trad.). Herder.
- Hegenberg, L. (1995). *Dicionário de lógica*. EPU Ed. Pedagógica e Universitária.
- Houaiss, A.; Villar, M. D. S., & Franco, F. M. D. M. (2001). *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Editora Objetiva.
- Jorge, M. A. C. (1988). *Sexo e discurso em Freud e Lacan*. Jorge Zahar.
- Kaufmann, P. (Ed.). (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Jorge Zahar.
- Koren, D. (2012). La lógica del fantasma. In M. Safouan (Dir.), *Lacaniana II: Los seminarios de Jacques Lacan (1964-1979)* (pp. 117-140). Paidós.
- Lacan, J. (1961-1962). *Le seminaire: L'Identification*. Recuperado em 1 de maio de 2021, de <http://staferla.free.fr/S09/S09.htm>.
- Lacan, J. (1962-1963). *Le seminaire: L'Angoisse*. Recuperado em 1 de maio de 2021, de <http://staferla.free.fr/S10/S10.htm>.
- Lacan, J. (1964). *Le Seminaire: Fondements*. Recuperado em 01 de maio de 2021, de <http://staferla.free.fr/S11/S11.htm>
- Lacan, J. (1965-1966). *Le Seminaire: L'Objet...*. Recuperado em 01 de maio de 2021, de <http://staferla.free.fr/S13/S13.htm>
- Lacan, J. (1966-1967). *Le Seminaire: Logique du fantasme*. Recuperado em 1 de maio de 2021, de: <http://staferla.free.fr/S14/S14.htm>
- Lacan, J. (1966a). *Écrits*. Éditions du Seuil.
- Lacan, J. (1966b). Of structure as an inmixing of an otherness prerequisite to any subject whatever. In R. Macksey, & E. Donato (Eds.), *The structuralist controversy: The languages of criticism and the sciences of man* (pp. 186-200). The Johns Hopkins University Press.
- Lacan, J. (1969-1970). *Le seminaire: L'envers de la psychanalyse*. Recuperado em 1 de maio de 2021, de <http://staferla.free.fr/S17/S17.htm>
- Lacan, J. (1972-1973). *Le Seminaire: Encore*. Recuperado em 1 de maio de 2021, de <http://staferla.free.fr/S20/S20.htm>
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1964).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1969-1970).

- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1956-1957).
- Lacan, J. (1997). *O saber do psicanalista: Seminário 19b*. Centro de Estudos Freudianos de Recife. (Originalmente publicado em 1971-1972).
- Lacan, J. (1998a). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 537-590, V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1959).
- Lacan, J. (1998b). Posição do inconsciente. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 843-864, V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1960-1964).
- Lacan, J. (1998c). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 807-842, V. Ribeiro, Trad.). Zahar. (Originalmente publicado em [1960]).
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2003a). O Aturdido. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 448-497, V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003b). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 248-264, V. Ribeiro, Trad.). Zahar.
- Lacan, J. (2003c). *O seminário, livro 9: A identificação*. Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Originalmente publicado em 1961-1962).
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: O sinthoma* (S. Laia, Trad.). Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1975-1976).
- Lacan, J. (2008a). *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Zahar. (Originalmente publicado em 1959-1960).
- Lacan, J. (2008b). *O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1968-1969).
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1971).
- Lacan, J. (2012) *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1958-1959).
- Lacan, J. (2017). *O seminário, livro 14: A lógica do fantasma*. Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Originalmente publicado 1966-1967).

- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1988). *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia*. Jorge Zahar.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001) *Vocabulário da psicanálise* (4a ed., P. Tamen, Trad.). Martins Fontes.
- Libera, A. D. (2015). *L'invention du sujet moderne: cours du Collège de France 2013-2014*. Librairie Philosophique J. Vrin.
- Lo Bianco, A. C. (2003). Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. *Psico-USF*, 8, 115-123.
- Lopes, R. (2015). Usos e sentidos de mythos e logos antes de Platão. *Prometheus - Journal of Philosophy*, 8(8), 61–77.
- Maritain, J. (1958). *Elementos de Filosofia 2: A ordem dos conceitos lógica menor (Lógica Formal)*. Agir.
- Miller, J. A. (2011). *Donc: La lógica del cura: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller*. Paidós.
- Milner, J.-C. (1996). *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Jorge Zahar.
- Molin, F. D. (Org.). (2022). *Interfaces: As Ciências Sociais e os textos de Sigmund Freud*. Editora da FURG.
- Mora, J. F. (1988). *Diccionario de filosofía*. Alianza Editorial.
- Musil, R. (1981). *O Jovem Törless*. (L. Luft, Trad.). Nova Fronteira.
- Musil, R. (2019). *O Jovem Törless*. Nova Fronteira.
- Platão (1972). O banquete, Fédon, Sofista, Político. In V. Civita (Ed.), *Os Pensadores* (J. C. de Souza, Trad.). Abril Cultural.
- Pontes, R. E. R. (2008). *Sobre una versión crítica del Seminario 14 de Jaques Lacan La Logique du Fantasma y nuestra traducción*. Recuperado em 14 abril de 2021, de <http://www.lacanterafreudiana.com.ar/lacanterafreudiana/jaqueslacanseminario14>
- Queiroz, F. L. F. (2010). *Ex-istência e In-sistência*. Recuperado em 10 de abril de 2022, de [www.filosofar.blogs.sapo.pt](http://www.filosofar.blogs.sapo.pt).
- Reale, G. (2011). A interpretação de Platão inaugurada pela escola de Tübingen e por mim apresentada em sentido epistemológico como “paradigma hermenêutico” alternativo àquele dominante. *Revista Archai*, 6, 11–26. Recuperado em 30 de dezembro de 2021, de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=586161964002>
- Reale, G. & Antiseri, D. (1990) *A história da filosofia: Antiguidade e Idade Média*. Paulus.
- Rosenfield, K. H. (2012). Freud e Musil-ou-psicanalista contra vontade. *Pandaemonium Germanicum*, 15(20).

- Rodrigues, C. T. & De Souza E. G. (2012) *Lógica II: Guia de estudos*. UFCLA. Recuperado em 22 de julho de 2022, de [https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/10180522042015Logica\\_II\\_Aula\\_1.pdf](https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/10180522042015Logica_II_Aula_1.pdf)
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. (V. Ribeiro, Trad.). Jorge Zahar.
- Saussure, F. D. (2006). *Curso de linguística geral* (A. Chelini, J. P. Paes, & I. Blikstein, Trad.). Cultrix.
- Sampaio, L. D. (2001). *A lógica da diferença*. Editora UERJ.
- Santos, J. T. (2000). *Da natureza: Parmênides*. Thesaurus.
- Schüler, D. (1998). *Mythos e lógos nos diálogos platônicos*. *Letras Clássicas*, 2, 317-333.
- Silva, L. O. T. (2012). *Ponto contraponto*. HCE Editora.
- Silva, L. O. T. (n.d.). *Isagoge*. Recuperado em 21 de julho de 2021, de <http://www.tellesdasilva.com/fantasma.html>.
- Silva, M. L. (2019). *A conjectura lógica de Jacques Lacan: A lógica como ciência do real*. [Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG]. Repositório Institucional da UFMG. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/31074>.
- Spinelli, M. (2009). Sobre as diferenças entre éthos com épsilon e éthos com eta. *Trans/Form/Ação*, 32(2), 9-44. Recuperado em 21 de abril de 2022, de <https://doi.org/10.1590/S0101-31732009000200001>.
- Trapani, L. S. (2001). Acerca de la estructura como mixtura de una Otredad, condición sine qua non de absolutamente cualquier sujeto. *Acheronta: Revista de Psicoanálisis y Cultura*, 13. Recuperado em 16 de novembro de 2022, de <https://www.acheronta.org/lacan/baltimore.htm>.
- Thiry, P. (2010). *Noções de lógica*. Edições 70. (Originalmente publicado em 1998).
- Torossian, S. D. (2019). A escuta psicanalítica em contextos de crueldade. *Clínica & Cultura*, 8(2), p. 21-33.
- Whitehead, A. N., & Russel, B. (1980). *Principia Mathematica to\*56*. Cambridge University Press.